



A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES: UMA RELEITURA A PARTIR DO CASO DE AMNOM E TAMAR NARRADO EM 2 SAMUEL 13

VIOLENCE AGAINST WOMEN: A RE-READING FROM THE CASE OF AMNOM AND TAMAR TOLD IN 2 SAMUEL 1

Jhonathan James de Sousa*

Flávio Schmitt**

Resumo: Este artigo aborda o tema da violência na Bíblia. De forma específica, a violência contra a mulher, tendo como pano de fundo, o caso do abuso sexual incestuoso de Amnom e Tamar, registrado em 2 Samuel 13. O estudo faz uma pesquisa exegética de alguns termos usados para violência no Antigo e Novo Testamentos, uma análise e estruturação mais pontual da narrativa de 2 Samuel 13 e um apanhado bibliográfico sobre a violência nos textos sagrados. Por fim, à luz do que foi evidenciado e analisado, infere-se, desse texto, que a violência é um assunto presente na Bíblia, nomeadamente no Antigo Testamento. Também, ressalta que os textos bíblicos que possuem uma linguagem ou termos que expressam violência, devem ser estudados com um cuidado hermenêutico, evitando interpretações ou aplicações descontextualizadas. Especialmente os textos bíblicos que envolvem questões de gênero.

Palavras-chave: Bíblia. Violência. Mulher.

Abstract: This article addresses the topic of violence in the Bible. Specifically, violence against women, against the backdrop of the case of incestuous sexual abuse of Amnon and Tamar, recorded in 2 Samuel 13. The study carries out exegetical research on some terms used for violence in the Old and New Testaments. , a more specific analysis and structuring of the narrative of 2 Samuel 13 and a bibliographical overview on violence in sacred texts. Finally, in light of what was evidenced and analyzed, it can be inferred from this text that violence is a subject present in the Bible, particularly in the Old Testament. It also emphasizes that biblical texts that contain language or terms that express violence must be studied with hermeneutical care, avoiding decontextualized interpretations or applications. Especially biblical texts that involve gender issues.

Keywords: Bible. Violence. Woman.

* Doutorando em Teologia Bíblica (NT) pela Faculdades EST. Mestre em Teologia Sistemática pela Faculdades EST. E-mail: prjedesousa@gmail.com

** Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), professor na Faculdades EST em São Leopoldo/RS. E-mail: flavio@est.edu.br



INTRODUÇÃO

Os dias que vivemos estão sendo marcados pela violência, em diferentes formas e modalidades. No tocante à violência contra a mulher, o Brasil se destaca frente a outros países. Os números são assustadores e preocupantes. Segundo o Atlas da Violência de 2022, a violência contra o gênero feminino (feminicídio)¹ em 2022 alcançou um índice altíssimo. Para termos uma ideia, entre os anos de 2009 e 2019, 50.056 mulheres foram assassinadas no Brasil. Só em 2018, 4.519 mulheres foram assassinadas. O que significa que uma mulher foi morta a cada duas horas. Um breve relatório do Atlas da Violência, em formato de pôster, alusivo ao dia 8 de março, menciona que se “a Lei Maria da Penha não tivesse sido implantada em 2006, calcula-se que a taxa de feminicídio no Brasil seria cerca de 10% à observada nos anos seguintes”.

Tomando como base o ano de 2017, o Brasil se destaca com o número de homicídios contra as mulheres, totalizando mais de 60 mil vítimas por ano. Só a pandemia da Covid-19 pode superar esse índice. Quando falamos de violência sexual, ou seja, estupro, nos deparamos com as seguintes informações do Atlas da Violência do ano 2022:

Estima-se que ocorram 822 mil casos de estupro no Brasil por ano. Desse total, apenas 8,5% deles chegam ao conhecimento da polícia e 4,2% são identificados pelo sistema de saúde. Os dados apontam que mais de 80% das vítimas são mulheres. Em relação aos agressores, em termos de gênero, a maioria é composta por homens, com destaque para quatro grupos principais: parceiros e ex-parceiros, familiares (sem incluir as relações entre parceiros), amigos(as)/conhecidos(as) e desconhecidos(as).²

Já num contexto bíblico, de forma predominante, a violência na Bíblia está mais presente no Antigo Testamento. Onde é visível que o povo de Deus tanto sofre quanto se envolve com a violência. Além de vítimas, eles também se tornam culpados de alguns atos ou comportamentos violentos. De acordo com Porfírio Pinto, “o tema da violência está omnipresente na Bíblia Hebraica”.³ Isso não quer dizer que o Novo Testamento não

¹ É considerado feminicídio quando o assassinato envolve violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação à condição de mulher da vítima. A Lei nº 13.104/2015 torna o feminicídio um homicídio qualificado e o coloca na lista de crimes hediondos, com penas mais altas, de 12 a 30 anos.

² Ver o Atlas da Violência (2022), publicado pelo IPEA.

³ PINTO, Porfírio. AD AETERNUM. **Revista de Teologia**, n. 3, p. 221-234, 2022. p. 233.



contém ocorrências ou narrativas de violência. Tanto nos Evangelhos, como também nas cartas paulinas e no Apocalipse de João⁴, nos deparamos com essa temática.

Para Flávio Martinez de Oliveira

deve-se lembrar de que o Novo Testamento manifesta um período de forte acento apocalíptico na vida e na literatura judaica e cristã. Na literatura apocalíptica do período helenístico e romano, o povo fiel espera a intervenção divina. A tendência dominante desta literatura é quietista, mas espera-se uma vingança escatológica, por Deus, não pelos fiéis no presente (Rm 12,19-21). [...] A violência sofrida pelos cristãos faz-se transparecer nos textos do Novo Testamento e expressa seu contexto no Império Romano e na Palestina da época. [...] O Novo Testamento é também a memória da violência da época, aquela sofrida por seu Senhor e pelas comunidades cristãs.⁵

Ao falar sobre violências contra as mulheres e os textos bíblicos, no contexto do Novo Testamento, citando Ivoni Reimer, Carolina Bezerra e Taiana Wisch ressaltam o seguinte:

O contexto histórico da formação do Novo Testamento era o de dominação imperial romana e suas guerras de expansão e da luta por sobrevivência cultural, ou seja, havia dois sistemas patriarcais em conflito: o judeu e o romano. A alienação da terra, a exploração econômica (escravagismo, impostos...), a violência física (torturas, crucificações...) e simbólica da dominação cultural e política eram vivenciadas por homens e mulheres. Porém, havia formas específicas vivenciadas pelas mulheres que eram violentadas e exploradas sexualmente. E essa história não está clara nas páginas do Novo Testamento.⁶

Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer esclarecem esse assunto dizendo que “de forma geral, os textos sagrados também contêm linguagem de violência, sendo que esta é manejada de formas distintas, desde a mera descrição até a justificação ou interdição de violência em suas múltiplas formas.”⁷ Ambos ainda ressaltam que

A violência acompanha e perpassa as páginas da Bíblia. Do mesmo modo o fazem as tentativas ou propostas de sua superação ou as estratégias de pacificação ou construção de paz. Biblicamente, tomamos a experiência de escravidão, feita pelo povo hebreu no Egito, e a experiência da cruz, feita por Jesus, por marcos referenciais para observação do fenômeno violência.⁸

⁴ Ver DE OLIVEIRA, Flávio Martinez. A violência no Novo Testamento: Mateus, Paulo e Apocalipse. *In*: CONGRESSO ESTADUAL DE TEOLOGIA, 1., 2013, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: Faculdades EST, v. 1, 2013. p. 195-207.

⁵ DE OLIVEIRA, Flávio Martins. **Razão e Fé**, Pelotas, v. 14, n. 1, p. 5-32, jan./jun. 2012. p. 7, 28.

⁶ DE SOUZA, Carolina Bezerra; WISCH, Taiana Luísa. **Os discursos sobre as mulheres no Novo Testamento**: uma comparação a partir do Evangelho de Marcos. São Leopoldo: CEBI, 2020. p. 16-17.

⁷ REIMER, Haroldo; REIMER, Ivoni Richter. **Revista Pistis Prax., Teol. Pastor.**, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 117-143, jan./abr. 2018. p. 120, 121.

⁸ REIMER; REIMER, 2018, p. 121.



É importante mencionar que este estudo priorizou uma abordagem literária, sincrônica, preocupando-se com a significação de algumas palavras usadas para designar a violência no Antigo e Novo Testamentos e a estruturação da narrativa sobre o processo em que se deu o ato violento contra Tamar. O artigo não tem a intenção de discutir a história da formação do texto de 2 Samuel 13, como também, de fazer uma análise exegética e teológica do mesmo.

TERMOS BÍBLICOS USADOS PARA VIOLÊNCIA

Num contexto semântico, na Bíblia não há uma palavra específica para designar aquilo que atualmente denominamos violência. Mas veremos alguns termos hebraicos e gregos que trazem a ideia de uma compreensão bíblica sobre a violência.

No Antigo Testamento

No Antigo Testamento (AT) é bastante comum o uso de termos com significado de “maldade” ou “o mal” (em hebraico *ra'ah*)⁹ para se referir ao que é violência. “Fazer o mal”, aos olhos de Deus ou diante das pessoas, é uma expressão recorrente em textos bíblicos.

A terminologia relativa ao exercício de violência se aplica tanto a pessoas quanto a Deus. Desta forma, o termo *El*, que significa força ou violência, é usado para descrever a própria Divindade hebraica em sua potência máxima (por exemplo Gn 32.29; Mq 2.1). Um dos nomes de Deus (*Elohim*)¹⁰ é a forma extensa desta indicação de potência. Assim, Deus é entendido como afirmação de força e poder concentrados. Termos que nominam partes do corpo como a mão (em hebraico *yad*) e a palma da mão (*kaf*) também são utilizados para denotar violência. Estar sob a mão de alguém ou entregar alguém à mão de outrem são expressões que indicam o exercício de poder com violência na relação com o outro (exemplos: Jz 6.13; Jr 12.7).

⁹ Ver LIVINGSTON, G. Herbert. Mal, Maldade. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR. Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1441-1445.; VINE, W. E. **Diccionario expositivo de palabras del Antiguo y Nuevo Testamento exhaustivo de Vine**. Nashville, Tennessee, USA: Grupo Nelson, 2007. p. 184-186.

¹⁰ Ver SCOTT, Jack B. Deus. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR. Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 68-74.



Existem alguns verbos hebraicos que exprimem uma ideia de violência nos textos sagrados, a saber:

- *Hamas* significa “oprimir”, “cometer injustiça” ou “cometer maldade” (Jr 22.3; Ez 22.26; Sf 3.4);
- *Rasah* significa “assassinar” ou “ser injusto ou culpado” (2Sm 22.22; Jó 9.29; 10.7,15; Ex 22.8), sendo que o substantivo *resha* significa “maldade” com uso de violência (Dt 9.27) ou o “maldoso” (Is 3.11; Hb 1.13);
- *Nakah* implica em “abater algo ou alguém” (Gn 4.15; Ex 2.11; etc.);
- *Ashaq* remete mais diretamente para o sentido de “oprimir” (Is 53.7; Ex 1.11);
- *Radah* usado para “dominar” (Is 14.2);
- *Anah* implica o sentido de “rebaixar, humilhar”, podendo implicar também o sentido de “estuprar” (Gn 34.2; 2Sm 13.12,14; Jz 19.24; Lm 5.11).¹¹

No Novo Testamento

No Novo Testamento (NT) também há um uso diversificado de expressões que se referem ao fenômeno e ao exercício de violência. O termo grego específico para a palavra “violência”, como a conhecemos hoje, não aparece no NT. Mas como no AT, há também uma gama de termos que se referem a ações violentas.

Conheçamos alguns desses termos gregos para violência:

- *Bía* caracteriza a força física e, especificamente em situações violentas, de guardas que usam desta força em prisões e tumultos (At 5.26; 21.35; 24.7); mas também o mar (At 27.41) e o céu (At 2.2) fazem sentir esta força “bruta”, em caso de temporais;
- O verbo *biázesthai* consta duas vezes no NT: em Mt 11.12 e em Lc 16.16, quando Jesus ensina acerca do Reino dos Céus: “desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos Céus é feito com força e homens violentos o tomam à força (*harpádzō*)”, indicando para grupos de renovação que se utilizam da força para transformar as condições de vida;
- *Pólemos* usado no contexto da guerra (*pólemos*) do arcanjo Miguel e do dragão, no céu; o dragão não foi “forte” suficiente, e perdeu a luta (Ap 12.7-8). O uso desta “força bruta” sempre implica em alguma forma de violência.
- “Vocês sabem: os que são considerados governadores dos povos os tem sob domínio senhorial (*katakryieúousin*) e os maiores deles usam seu poder contra eles [os povos] (*katexousiádsosin*). Mas entre vós não é assim [...]” (Mc 10.42-43).
- No Sermão Profético de Jesus, encontrado nos Evangelhos (Mt 24.1-28; Mc 13; Lc 21) aparecem expressões de violências múltiplas conhecidas: guerras (*pólemoi*) entre povos e nações, fomes (*límoi*), epidemias (*lóimoi*), catástrofes naturais/terremotos (*seismói*), que são considerados sinais do início das “dores de parto” (*odínoi*), tribulações (*thlipsis*), perseguições religiosas e políticas (*diogmói*) e matança (*apoktéino*), ódio (*miséo*) e iniquidade (*anomía*), mentira e falsidade de toda espécie, incluindo corrupção (*pseudos*), “abutres” à espreita (*aetói*).
- O termo *exousía* é amplamente utilizado em todos os gêneros literários do NT, no sentido de domínio e autoridade sobre pessoas, coisas e regiões/povos, e o uso do verbo *exousiádzō* indica para a possibilidade e/ou realidade de perder a liberdade por parte de quem sofre o domínio.¹²
- É nesse sentido que o verbo é utilizado em Lc 22.25, ou seja, “dominadores”.

¹¹ Ver REIMER; REIMER, 2018, p. 121-122.

¹² Ver BROER, I. Exousía: Freiheit [...] Macht. In: BALZ, H.; SCHNEIDER, G. **Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament**. 2. ed. Stuttgart; Berlin; Köln: Kohlhammer, 1992. p. 23-29.



- O termo como *katexousiádzo* “usar o poder contra”/“oprimir” (Mc 10.42; Mt 22.25).
- A violência ideológico-política também aparece nas cenas de saudação maliciosa “Salve, rei dos judeus” (Mc 15.18; Mt 27.29; Jo 19.3) e na direta acusação de ineficácia religiosa “Salvou os outros [...] Desce da cruz” (Mc 15.29-32; Lc 23.35-37; Mt 27.40-44).
- O termo *ponerós* “mal” como representação do “Maligno”, opositor de Deus (Mt 5.37; 13.19.38). No nível das relações humanas, este “Maligno” corresponde ao “maligno/mau/perverso” humano e suas correspondentes ações (Mt 5.39.45; 6.13; 13.49; 18.32). Assim também existe o “caminho do Maligno/Maldição” (Mt 7.13) como consequência e fruto (Mt 7.17).
- *Hamartía* “pecado”, como distanciamento da vontade de Deus, o que igualmente resulta numa série de violências (1Ts 5.22; 1Co 5.13; Gl 1.4).
- *Pikraíno* “tratar com amargor” (Cl 3,19), o que, no Apocalipse, expressa causa de morte (por meio de água amarga: Ap 8,11) e indigestão (10,9.10).
- Esta constatação de *pikraíno*, no NT, é tão mais importante *em perspectiva de gênero*, porque Cl 3.19 se dirige aos maridos e admoesta que não tratem suas esposas com “amargor”, o que atualmente é entendido por violência simbólica.¹³
- *Pikría* também se encontra, em suas poucas menções no NT, no famoso catálogo de vícios que conclama ao combate ao Diabo (Ef 4.31).¹⁴

A VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES A PARTIR DO CASO DE ANNOM E TAMAR (2 SAMUEL 13)

A violência contra a mulher, o abuso sexual infantil e outros tipos de violência foram, por séculos, silenciados e reduzidos ao âmbito do privado. A Bíblia, no entanto, registrou alguns fatos que causaram profundo sofrimento nas pessoas envolvidas, comoção pública e graves consequências políticas, sociais e religiosas na vida do povo de Israel. As histórias vividas por mulheres da Bíblia que tiveram trajetórias marcadas por violências (simbólicas, sexuais, físicas, religiosas, letais, etc.) devem ser analisados. Elas estão ali para nos ensinar alguma coisa.

De 2 Samuel 11 até 1 Reis 2 encontramos uma série de acontecimentos trágicos na família do rei Davi. Tudo começou com a violação, o estupro de Bate-Seba cometido por Davi. Anos depois, seu filho Annom, estupra Tamar, sua meia irmã. Em seguida, Absalão se levanta contra Davi e violenta as dez concubinas do rei. Absalão morre e é a vez de Adonias se rebelar contra Davi. Todas as pessoas envolvidas são filhos e filhas de Davi e meio irmãos e irmãs entre si.

O abuso sexual é uma tragédia, porque invade a intimidade sem a liberdade de escolha. É egoísta, covarde, cruel, criminoso, destrutivo, sem amor, sem prazer, violento,

¹³ Para maiores esclarecimentos sobre a violência simbólica, ver SINGH, P. (org.). **As igrejas dizem não à violência contra a mulher**: plano de ação para as igrejas. Genebra: Federação Luterana Mundial; São Leopoldo: Sinodal, 2005.

¹⁴ Ver REIMER; REIMER, 2018, p. 122-127.



descortês e totalmente desumano. Todo relacionamento íntimo que não for consensual, ainda que seja dentro do casamento, é caracterizado como violência, abuso e violação dos direitos humanos.

No caso de Amnom e Tamar, aconteceu um abuso sexual incestuoso (ela era meia irmã de Amnom, irmã de Absalão, outro filho de Davi – 2Sm 13.20, 22). A violência sexual de Amnom foi direcionada contra uma mulher. Talvez, seguindo uma prática conhecida como *pater familias*, presente no contexto romano, que deve ter influenciado o patriarcalismo bíblico.

Assim como no contexto romano, o *pater familias*¹⁵ tinha poderes sobre os subalternos; também, na cultura patriarcal, o *pater familias* era empoderado em detrimento das mulheres, filhos, estrangeiros e escravos. As mulheres, filhas ou não, eram subordinadas aos homens. O patriarca (pai) ou *pater familias* tinha até o poder de decidir com quem os seus filhos se casariam (ex. O casamento de Isaque com Rebeca, Gn 24).

Na Roma antiga, o filho (*fili familias*) era objeto do direito absoluto e ilimitado do pai (*pater familias*), que podia abandoná-lo, vendê-lo, ou até mesmo executá-lo, pois exercia o direito de vida e morte sobre a pessoa daquele (*jus vitae et necis*, o direito à vida e à morte). Segundo a Lei das Doze Tábuas, o *pater familias* tinha (*vitae necisque potestas*), ou seja, o “poder da vida e da morte” sobre os seus filhos, a sua esposa (em alguns casos apenas), e os seus escravos, todos os quais estavam *sub manu*, “sob sua mão”. O *pater familias* detinha o poder de vender os seus filhos como escravos. Além de ser um chefe, ele era a única pessoa dotada de capacidade legal, ou *sui iuris* (literalmente “de seu próprio direito”). As mulheres (embora nem sempre), os *fili* (filhos), escravos e estrangeiros tinham uma *capitis deminutio* (literalmente, “diminuição da cabeça”, significando uma capacidade diminuída), quer dizer, não podiam celebrar contratos válidos, nem possuir propriedade.¹⁶

Quanto a esse assunto, Judges J. C. Exum comenta o seguinte:

Pressupondo uma estrutura patriarcal, que outorgava poderes ao *pater familias* de agir com poder e violência em relação aos subordinados. Por isto mesmo, faz-se necessário metodológica e hermeneuticamente esclarecer a opressão das mulheres como processo histórico e não como fatalidade, destino ou vontade

¹⁵ Outro exemplo de violência contra a mulher no contexto de *pater familias*, que encontramos na Bíblia, é o registrado em Juízes 19: a concubina do Levita.

¹⁶ Ver GEORGE, Long. Patria Potestas. In: SMITH, William. **A dictionary of greek and Roman Antiquities**. London: John Murray, 1875. p. 873-875.



de Deus, e evidenciar estratégias pelas quais a submissão das mulheres é introduzida e sedimentada nos e por meio dos textos sagrados.¹⁷

Amnom agiu como um verdadeiro *pater familias*. Ele exerceu autoritarismo, machismo, desrespeito e violência. Atitudes típicas dos homens que vivem numa sociedade patriarcal e machista. A linguagem e os verbos utilizados por Amnom são tremendamente autoritários: *vê, traz, sujeitar, forçar*. Eles revelam uma dinâmica de relações interpessoais baseada na prepotência e na dominação.

Por outro lado, Tamar além de exercer o ministério da caridade para com seu irmão (2Sm 13.8-9), ainda lhe aconselhou a não cometer tamanha loucura (2Sm 13.12). Tamar falou com sabedoria, sem nenhuma expressão de violência (2Sm 13.12-13) e agiu com amor. Em hebraico a palavra bolo tem a mesma raiz que coração (לב, לבב, *lev, levav*)¹⁸, isso significa que ela fez o bolo com sinceridade e amor. Atitudes muito diferentes das de Amnom, que usou o fingimento (2Sm 13.6) com a intenção de violentar sexualmente a sua irmã (2Sm 13.11, 14).

Os personagens da narrativa e suas inter-relações

Todos os personagens eram pertencem à família real de Davi. Cujá dinastia recebeu a promessa eterna do Deus de Israel. Amnom é o filho mais velho, e isso, nas famílias judaicas, lhe dava um lugar de privilégio e, no caso de Amnom, como o príncipe herdeiro, ainda lhe garantia, de forma irrestrita, o trono real. Absalão era o segundo filho e o segundo herdeiro do trono. Tamar não era candidata ao trono simplesmente por ser mulher. Mas pertencia à casa e família real. Ela era uma linda princesa. O seguinte quadro apresenta as inter-relações dos personagens:

Quadro 1 – Família real de Davi e suas inter-relações

PERSONAGENS	RELAÇÕES
Absalão, Tamar e Amnom	eram irmãos (mesmo pai, mas de mães diferentes) – 2Sm 13.4
Tamar e Amnom	eram irmãos somente por parte de pai – 2Sm 13.21, 22

¹⁷ EXUM, J. C. Judges: Encoded Messages to Women. In: SCHOTTROFF, L.; WACKER, M. T. (Ed.). **Feminist Biblical Interpretation: A Compendium of Critical Commentary on the Books of the Bible and Related Literature**. Michigan/ Cambridge: Grand Rapids; Eerdmans Publishing Co., 2012. p. 112-127.

¹⁸ BOWLING, Andrew. Coração. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 765-767.



Jonadabe	era primo e amigo de Amnom – 2Sm 13.3
Davi	Era o pai de Absalão, Amnom e Tamar, tio de Jonadabe e rei da nação (monarca) – 1Sm 13.21

Fonte: autoral.

Os tipos de violência e sua continuidade na família real

Fazendo uma análise de 2Sm 13, percebemos que ocorreram vários atos de violência entre os personagens envolvidos na narrativa. Como também, a continuidade e gravidade desses atos na família de Davi.

Quadro 2 – Os tipos de violências e sua continuidade

VIOLÊNCIAS	A CONTINUIDADE DA VIOLÊNCIA
Abuso de autoridade/poder (v. 9, 15)	
Questões de gênero: machismo/posse (v. 14)	Amnom, Absalão e Davi foram violentos com Tamar
Violação sexual - estupro (v. 12,14-15,32)	Absalão foi violento com Amnom
Violência física (v. 11,17,18)	Davi foi violento com Absalão
Violência infanto-juvenil (Tamar tinha 15 anos)	
Violência emocional e simbólica (Tamar foi humilhada, tratada com “amargor” – v. 15-18)	Absalão foi violento com Davi
Abuso sexual incestuoso (v. 4)	Joabe e dez jovens foram violentos com Absalão
Assassinato (v. 23-36,30)	

Fonte: autoral.

Os atos violentos ocorreram no seio familiar da realeza. Temos aqui um típico caso de violência *fratricida*. Em muitos casos, infelizmente, a violência gera mais violência. A continuidade da violência na família de Davi pode ter sido resultado de sua indiferença e omissão como pai e rei. A narrativa bíblica diz que ao saber do ocorrido, Davi fica “irado” (2Sm 13.21), mas não pratica a justiça e neste caso, a injustiça gerou situações fatídicas na família real. As consequências da omissão de Davi, que era o pai e rei da nação, foram tomando proporções cada vez mais graves. Sua família sofreu com os atos violentos que foram sendo desencadeados.



O texto sagrado diz que Absalão assassinou Amnon (2Sm 13.26-39); Davi passou a perseguir Absalão (2Sm 13.37-39); Absalão tornou-se inimigo e perseguidor do próprio pai (2Sm 15); Absalão teve uma morte desnecessária (2Sm 18), e finalmente, a narrativa ressalta que os filhos de Davi vão morrendo em consequência de seus vícios e ódio.

O SILÊNCIO DIANTE DA VIOLÊNCIA

O texto ressalta o silêncio de Amnon, “Tamar”, Davi e Absalão (2Sm 13.20-22). Ao sair da casa de Amnon, Tamar não só abriu a boca, como também usou sinais que declararam a sua inocência diante da violação sexual de Amnon (2Sm 13.19). Mas ao encontrar-se com seu irmão Absalão, foi impelida a ficar “calada e reprimida em casa” (2Sm 13.20).

A maneira pela qual Tamar expressa sua dor, “rasgou a túnica talar de mangas longas, pôs as mãos sobre a cabeça e se foi andando e gritando” (2Sm 13.19), dá a entender que ela não quer manter em segredo o que lhe aconteceu. Pelo contrário, ela decide fazer um escândalo. Talvez deseje que o culpado por sua tragédia não fique impune. Como o caso aconteceu numa família real, e o violentador foi seu próprio irmão, a mensagem que lhe foi dada era que tudo deveria ficar em família. Sua denúncia fica escondida e reprimida em sua mente e coração. Absalão lhe pediu para guardar silêncio: “cala-te; é teu irmão” (2Sm 13.20). Absalão a acolhe em sua casa, mas não em seu coração e tampouco, lhe deu voz de socorro e justiça. Diante de sua maior necessidade, ela foi silenciada e confinada ao sofrimento solitário.

Embora ela estivesse procedendo conforme os costumes de sua época (cinzas na cabeça, vestes rasgadas e choro em voz alta eram práticas comuns quando uma pessoa estava de luto ou passando por humilhação e vergonha), ela teve também um gesto de enfrentamento que pode ser pensado como denúncia, porque tanto o tipo de violência que sofreu como o seu agressor foram expostos. Tamar teve um ato corajoso ao dar visibilidade à sua dor, em busca de justiça. Porém a história de silenciamento de Tamar continua.

Absalão, seu irmão, lhe perguntou: “Seu irmão, Amnon, lhe fez algum mal? Acalme-se, minha irmã; ele é seu irmão! Não se deixe dominar pela angústia”. E Tamar, muito triste, ficou na casa de seu irmão Absalão” (2Sm 13.20). Davi também ficou em



silêncio. Em nenhum momento, ele se pronunciou sobre o ocorrido e nem tomou uma providência para resolver a situação. O rei e pai, apesar de ficar com raiva (2Sm 13.21), não agiu. Não fez justiça. Não cumpriu seu papel paternal e nem real. Não disciplinou o filho e nem corrigiu o erro de um cidadão. Tampouco, acolheu a filha que acabara de sofrer um terrível e vergonhoso ato de violência. Amnom era seu filho preferido (*favoritismo*) por ser o primogênito e herdeiro do trono. Isto pode ter impedido que Davi enfrentasse o problema com maior objetividade e garantisse o fortalecimento do respeito e da ética de sua família e do povo.

Esse silêncio, infelizmente, está presente nos dias atuais. Inúmeras vítimas de violência doméstica são silenciadas e às vezes, tratadas como se fossem “culpadas” e não como vítimas, especialmente quando essas vítimas são mulheres. Os corpos femininos são choráveis e precisam de acolhimento. Devemos quebrar o silêncio, denunciando toda forma de violência e pedindo que a justiça seja feita. Não é fazer justiça com as próprias mãos, ou seja, praticar a vingança, mas deixar e exigir que os órgãos competentes cumpram o seu papel. A Bíblia diz que “a vingança pertence a Deus” (Rm 12.19). Como também, nos ordena “a praticar justiça” (1Jo 3.7).

A intertextualidade: o caso de Amnom e Tamar com a violação de Diná e o feminicídio da concubina do Levita

De acordo com Julia Kristeva¹⁹ e Mikhail Bakhtin²⁰, a intertextualidade é uma forma clara de diálogo entre os textos, que pode ser implícita ou explícita. Ela se dá em diferentes gêneros textuais, não somente nos textos bíblicos. O uso de tal método auxilia na ilustração da importância do conhecimento de mundo e como este interfere na compreensão do texto. Segundo esses autores, quando um leitor faz a relação de um texto com outro ou outros, ele terá mais possibilidades e facilidades para entender que a intertextualidade é uma das excelentes estratégias utilizadas na construção dos textos.

Para Kristeva, “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”.²¹ Já Bakhtin²² ressalta a ideia de que um texto “conversa” com outros escritos na produção do seu texto e o significado do novo é

¹⁹ KRISTEVA, Julia. **Introdução à semântica**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

²⁰ BAKHTIN, Mikhail. Discourse in the novel. In: **The dialogic imagination**. Four Essays. Austin: University of Texas, 1981.

²¹ KRISTEVA, 1974, p. 72.

²² BARKHTIN, 1981, p. 279.



influenciado por este diálogo. O autor acredita que toda leitura é necessariamente intertextual, pois no ato da leitura, a pessoa também pode estar fazendo associações do texto com outros textos ou leituras já realizadas.

A biblista Lília Dias Marianno²³ define a intertextualidade como sendo a conversa intra ou intertextos. Nessa conversa, o pesquisador analisa a consistência ou integridade do texto em estudo e o modo como suas camadas dialogam com outras referências bíblicas sobre o mesmo assunto. Marcelo da Silva Carneiro²⁴ acrescenta que seja usando somente traduções em português, como também, fazendo uso dos idiomas hebraico e grego, a intertextualidade se torna importante na exegese porque ajuda a perceber “costuras” temáticas na Bíblia ou as relações existentes de temas e textos entre os livros.

Fica evidente a existência da intertextualidade entre a narrativa de 2 Samuel 13 e alguns episódios veterotestamentários. No capítulo de estudo (2Sm 13), encontramos pelo menos dois exemplos de intertextualidade com o Antigo Testamento, a saber: (1) a violação sexual de Diná (Gn 34), (2) o caso de feminicídio da concubina do levita (Jz 19).

Evocamos esses dois episódios como fazendo eco intertextuais com o objeto de estudo deste artigo, pelo fato de que em ambos os casos, ocorre uma espécie de violência contra mulheres. Mesmo tendo uma diferença com o ocorrido em 2Sm 13, em que foi o próprio irmão que violentou a sua irmã; a violação sexual de Diná e o abuso acompanhado de uma morte tão cruenta da concubina do levita, fazem com que as narrativas se encontrem no quesito violência contra o gênero feminino.

Ao comentarem sobre o estupro de Diná, os especialistas em Antigo Testamento e no mundo do antigo Oriente Próximo, John H. Walton, Victor H. Matthews e Mark W. Chavalas esclarecem que

o estupro como meio para se obter um contrato de casamento parece ter sido uma tática comum no antigo Oriente Próximo. As leis que regulavam essa prática são encontradas em Êx 22.16, 17; Dt 22.28, 29 e também nas leis do Médio Império Assírio e dos Hititas. De modo geral, essas leis exigiam que o estupro

²³ MARIANNO, Lília Dias. A profetisa, a feiticeira e a lei: análise histórico-social em textos do primeiro testamento. *In*: LEONEL, João; CARNEIRO, Marcelo da Silva (org.). **Para estudar a Bíblia: abordagens e métodos**. São Paulo: Recriar, 2021. p. 124.

²⁴ CARNEIRO, Marcelo da Silva. Os livros conversam entre si: a intertextualidade no estudo da Bíblia. *In*: LEONEL, João; CARNEIRO, Marcelo da Silva (org.). **Para estudar a Bíblia: abordagens e métodos**. São Paulo: Recriar, 2021. p. 205-223.



pagasse um preço especialmente elevado pela noiva e, às vezes, proibiam a possibilidade de divórcio.²⁵

Mesmo assim, ainda que existisse uma “explicação” ou “justificação” para solucionar o caso de Diná, não deixa de ser uma violência contra sua dignidade. Jacó, o pai, aceitou a oferta de Siquém (Gn 34.11-12) e a encarou como sendo uma expiação suficiente para o erro cometido contra sua família. Porém, os irmãos de Diná se recusaram a aceitar e partiram para outro ato de violência, desta vez, a vingança. Eles mataram os homens da terra de Hamor e romperam o contrato levando Diná de volta para a casa do pai (Gn 34.25-27). Para Claus Westermann

o que despertou neles foi uma autoconsciência de grupo que não pode mais ser desfeita. Ela é determinada pela honra e vergonha; matar para vingar a própria honra se tornou algo necessário. A infâmia cometida contra um membro da sua família tem de ser vingada com sangue.²⁶

Comentando sobre o episódio registrado em Juízes 19, Haroldo e Ivoni Reimer esclarecem que

o livro de Juízes faz parte do conjunto narrativo da Obra Historiográfica Deuteronomista (Deuterônimo até 2 Reis). Por um lado, ele tenta idealizar os tempos da vida no antigo Israel sem a existência de uma estrutura estatal centralizada e, por outro, criar um contraste negativo com a época da monarquia em Israel. Trata-se de uma seleção de narrativas estilizadas que contêm crítica à existência da monarquia no antigo Israel. Um dos textos a criar este contraponto negativo à monarquia é o de Juízes 19, que narra o feminicídio da concubina de um cidadão da cidade de Belém, em Judá, pelo próprio marido/senhor.²⁷

Corroborando com o esclarecimento de Haroldo e Ivoni, Judges ressalta que

A violência, neste caso, se direciona contra a mulher, pressupondo uma estrutura patriarcal, que outorgava poderes ao *pater familias* de agir com poder e violência em relação aos subordinados. Por isto mesmo, faz-se necessário metodológica e hermeneuticamente esclarecer a opressão das mulheres como processo histórico e não como fatalidade, destino ou vontade de Deus, e evidenciar estratégias pelas quais a submissão das mulheres é introduzida e sedimentada nos e por meio dos textos sagrados.²⁸

²⁵ WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018. p. 82.

²⁶ WESTERMANN, Claus. **O livro do Gênesis**: um comentário exegético-teológico. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 286.

²⁷ REIMER; REIMER, 2018, p. 132.

²⁸ EXUM, 2012, p. 112-127.



A violência e o ambiente familiar

A casa (termo presente tanto no hebraico quanto no grego, *בַּיִת*, *oikos*, *bayît*²⁹ e *oikos*³⁰) pode não ser um lugar acolhedor e protetor para uma mulher ou qualquer vítima de violência doméstica. A violência fere diretamente a dignidade de uma pessoa, seja homem ou mulher. Dentro ou fora de casa. Na igreja ou nas ruas. Para este tempo, falar sobre a violência doméstica é preciso.

O ambiente familiar nem sempre é um lugar de proteção e isso não é culpa da vítima. Às vezes, pessoas de dentro das igrejas ou familiares aconselham esconder o ato de violência contra as mulheres, crianças, idosos, etc., a fim de proteger o agressor ou presar pela honra e dignidade da família. Foi justamente o que fizeram Davi e Absalão em relação a Tamar (2Sm 13.20, 21). Mas devemos lembrar que a minimização do problema só pode aumentar a dor da vítima.

Felizmente, o contemporâneo permite outras saídas, por exemplo, o Disque Denúncia (180) e outros projetos sociais e religiosos que incentivam atitudes de repulsa à violência contra a mulher, como por exemplo, o Projeto Quebrando o Silêncio, promovido anualmente pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, que dá voz as mulheres e motiva a sociedade a denunciar todo tipo ou manifestação de violência.

Olhando para o caso da concubina do Levita (Jz 19) e a questão da casa como um lugar de acolhimento, proteção e hospitalidade, percebemos que a hospitalidade era vista como direito mais sagrado do que a dignidade de uma mulher, que fora criada “à imagem e semelhança de Deus” (Gn 1.26, 27). Haroldo Reimer e Ivoni Richter explicam que

todas as versões bíblicas comentam a respeito da importância da lei da hospitalidade no Antigo Oriente. Uma comenta que o dono da casa estava pronto para cumprir seus deveres de hospedeiro até o heroísmo (BEJ, 2002, p. 379, nota b). Outra chega a dizer que o levita (o marido) oferece sua concubina para que o hospedeiro e sua filha sejam poupados (TEB, 1994, p. 395, nota z).³¹

Ivoni Richter Reimer ainda faz o seguinte comentário:

Entre as muitas prescrições legais na Bíblia, no sentido de prevenção de violências, pode-se encontrar também normas que tratam de hospitalidade ou de asilo (Êx 21,13-14) em relação a membros da própria família ou em relação a pessoas estranhas. Na narrativa de Gênesis 18 estão indicadas formas de

²⁹ *bayît* significa casa, lar e família. Ver GOLDBERG, Louis. Casa. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 174-175.

³⁰ *Oikos* pode significar tanto um “ambiente habitável” como “família”. Ver GOETZMANN, Jürgen. Casa. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Trad. Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. I: A-M. p. 285-289.

³¹ REIMER; REIMER, 2018, p. 134.



hospitalidade que se propunha como hábitos em relação a pessoas em trânsito ou mobilidade por razões diversas. No contexto do NT, o asilo e proteção eram prestados nas sinagogas e nas casas em que se reuniam comunidades cristãs. No AT, contudo, as casas que eram lugar de hospedagem e abrigo, às vezes, também se tornavam em palco de 'prelúdio' para cenas violentas, como a que está narrada em Juízes 19, que também pressupõe tais regras de hospitalidade. Aqui é narrado um dos casos de violência mais horríveis da Bíblia.³²

CONCLUSÃO

Este estudo reflete sobre o tema da violência contra a mulher, a partir de uma releitura bíblica do caso de Amnom e Tamar, conforme está registrado em 2 Samuel 13. Este relato nos traz importantes esclarecimentos sobre a presença da violência em textos sagrados, primordialmente nos escritos do Antigo Testamento, sem deixar de fora o Novo Testamento. Precisamos saber lidar corretamente com os textos sagrados que possuem uma linguagem violenta ou termos que expressam um sentido ou ato de violência. Especificamente, aqueles que estão em um contexto de sistemas patriarcais, de dominação, exploração, etc. Sempre evitando interpretações e aplicações "violentas", sem considerar os contextos em que foram escritos, especialmente os textos bíblicos que envolvem questões de gênero.

2 Samuel 13 esquematiza, de forma clara, um incontestável exemplo de dominação do homem sobre a mulher. E como essa dominação foi seguida por comportamentos que expressaram um caso de violência contra o gênero feminino. Além disso, a narrativa revela que essa violência pode estar presente em todos os espaços e contextos, sejam eles sociais, políticos, religiosos e até mesmo familiares.

Percebemos então, que a violência contra a mulher vem desde os tempos bíblicos. Podendo ser gerada no "útero" de uma cultura patriarcal e de opressão sobre aqueles ou aquelas que estão assumindo um posto de subalternos. Esse é um exemplo que levamos para alertar as comunidades religiosas de hoje sobre a violência contra as pessoas, especialmente contra as mulheres. Atitude que consideramos inadmissível.

O Evangelho de Marcos é um exemplo que promove interessantes apontamentos sobre enredos de relações igualitárias de gênero, envolvendo Jesus e as mulheres. Exemplos: a sogra de Pedro (Mc 1.29-31), a mulher com hemorragia e a filha

³² RICHTER REIMER, Ivoni. **Women in the Acts of the Apostles: a feminist liberation Perspective**. Minneapolis: Fortress Press, 1995.



de Jairo (Mc 5.25-43), a mulher siro-fenícia (Mc 7.24-30), a viúva pobre (Mc 12.41-44), a mulher que o ungiu em Betânia (Mc 14.3-9), [Maria Madalena (Mc 16.9.10)].

Cabe dizer que a Bíblia também promove um rompimento do ciclo de violência presente em suas narrativas. Há textos sagrados que dão impulso a existência da paz. Podemos encontrar algumas propostas que contrapõem à violência, entre elas, salientamos as referências de Miquéias 4.1-7, em conexão ou paralelismo com Isaías 2.1-4. Em que o profeta ressalta que as nações transformarão as suas “espadas em lâminas de arados e as suas lanças, em foices” e elas não “levantarão as espadas contra nação, nem aprenderão mais a guerra” (v. 3). Como também, a de Lucas 14.32, onde vemos Jesus orientando a enviarem “uma embaixada, pedindo condições de paz”, em vez de incitar a guerra ou violência.

Por fim, biblicamente falando, a violência deve ser evitada e, caso ela ocorra, precisamos nos proteger. Mas levando em consideração, a recomendação encontrada em Romanos 12.17, 18, que diz: “Não paguem a ninguém mal por mal; procurem fazer o bem diante de todos. Se possível, no que depender de vocês, vivam em paz com todas as pessoas”.

REFERÊNCIAS

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2022. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2022.

BAKHTIN, Mikhail. Discourse in the novel. *In: The dialogic imagination. Four Essays.* Austin: University of Texas, 1981.

BÍBLIA DE ESTUDO JERUSALÉM [BEJ]. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA, Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 3. ed. (Nova Almeida Atualizada). Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.

BOWLING, Andrew. Coração. *In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento.* Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 765-767.

BROER, I. Exousía: Freiheit [...] Macht. *In: BALZ, H.; SCHNEIDER, G. Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament.* 2. ed. Stuttgart; Berlin; Köln: Kohlhammer, 1992. p. 23-29.



CARNEIRO, Marcelo da Silva. Os livros conversam entre si: a intertextualidade no estudo da bíblia. *In*: LEONEL, João; CARNEIRO, Marcelo da Silva (org.). **Para estudar a Bíblia**: abordagens e métodos. São Paulo: Recriar, 2021. p. 205-223.

DE OLIVEIRA, Flávio Martínez. A violência no Novo Testamento: Mateus, Paulo e Apocalipse. *In*: CONGRESSO ESTADUAL DE TEOLOGIA, 1., 2013, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: Faculdades EST, v. 1, 2013. p. 195-207.

DE OLIVEIRA, Flávio Martins. **Razão e Fé**, Pelotas, v. 14, n. 1, p. 5-32, jan./jun. 2012.

DE SOUZA, Carolina Bezerra; WISCH, Taiana Luísa. **Os discursos sobre as mulheres no Novo Testamento**: uma comparação a partir do Evangelho de Marcos. São Leopoldo: CEBI, 2020.

EXUM, J. C. Judges: Encoded Messages to Women. *In*: SCHOTTROFF, L.; WACKER, M. T. (Ed.). **Feminist Biblical Interpretation**: A Compendium of Critical Commentary on the Books of the Bible and Related Literature. Michigan/ Cambridge: Grand Rapids; Eerdmans Publishing Co., 2012. p. 112-127.

GEORGE, Long. Patria Potestas. *In*: SMITH, William. **A dictionary of greek and Roman Antiquities**. London: John Murray, 1875. p. 873-875.

GOETZMANN, Jürgen. Casa. *In*: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Trad. Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. I: A-M. p. 285-289.

GOLDBERG, Louis. Casa. *In*: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 174-175.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LIVINGSTON, G. Herbert. Mal, Maldade. *In*: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR. Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1441-1445.

MARIANNO, Lilia Dias. A profetisa, a feiticeira e a lei: análise histórico-social em textos do primeiro testamento. *In*: LEONEL, João; CARNEIRO, Marcelo da Silva (org.). **Para estudar a Bíblia**: abordagens e métodos. São Paulo: Recriar, 2021.

PINTO, Porfírio. AD AETERNUM. **Revista de Teologia**, n. 3, 2022.

REIMER, Haroldo; REIMER, Ivoni Richter. **Revista Pistis Prax., Teol. Pastor.**, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 117-143, jan./abr. 2018.



RICHTER REIMER, Ivoni. **Women in the Acts of the Apostles: a feminist liberation Perspective.** Minneapolis: Fortress Press, 1995.

SCOTT, Jack B. Deus. *In*: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR. Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento.** Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 68-74.

SINGH, P. (org.). **As igrejas dizem não à violência contra a mulher: plano de ação para as igrejas.** Genebra: Federação Luterana Mundial; São Leopoldo: Sinodal, 2005.

VINE, W. E. **Diccionario expositivo de palabras del Antiguo y Nuevo Testamento exhaustivo de Vine.** Nashville, Tennessee, USA: Grupo Nelson, 2007.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2018.

WESTERMANN, Claus. **O livro do Gênesis: um comentário exegético-teológico.** São Leopoldo: Sinodal, 2013.

Recebido em: 29 dez. 2023.

Aceito em: 20 jun. 2024.